

Capítulo XXVI

DO ANALÓGICO AO DIGITAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO HÍBRIDO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcos Garcia Neira
Faculdade de Educação, Escola de Educação Física e Esporte, USP
mgneira@usp.br

Mônica Caldas Ehrenberg
Faculdade de Educação, Escola de Educação Física e Esporte, USP

1 DO LUGAR DE FALA DE PROFESSORES DA GERAÇÃO ANALÓGICA IMERSOS NA ERA DIGITAL

O lugar de fala não implica ter (ou não) uma autorização para falar sobre determinado assunto. Djamila Ribeiro (2017) esclarece que tal colocação indica o ponto de vista e o lócus social de um determinado discurso e de quem o enuncia. A fala resulta de um agenciamento que pode revelar ou esconder os marcadores sociais que nos constituíram subjetivamente. Essa consideração é imprescindível para compreender a experiência aqui relatada.

As situações narradas a seguir foram vividas por um professor e uma professora, representantes de uma geração analógica que se assumem afeitos ao cheiro do papel, à coloração amarelada dos livros clássicos, às canetas fosforescentes que marcam os textos durante a leitura, aos *post its* coloridos que deixam lembretes no interior dos livros e, por que não, às orelhas dobradas e às páginas rabiscadas a lápis para sublinhar uma ou outra passagem.

O conceito de lugar de fala ajuda a conferir visibilidade às experiências inscritas em nossos corpos, seja pela migração, linguagem, convicções políticas e, sobretudo, pelo marcador geracional. Todos esses traços se mostram com maior ou menor força quando falamos ou escrevemos. Em suma, a fala e a escrita jamais são neutras. Por isso, o lugar de fala articula discursivamente as experiências que constituem nossos modos de subjetivação, mas também permite enunciar um discurso que revela um pouco de nossas histórias de vida.

Estabelecido o analogismo que influencia o lugar de fala dos autores desta narrativa, é fundamental circunscrever o contexto que lhe deu guarida. Trata-se de uma experiência em andamento¹⁰⁴ desde o fim da pandemia de Covid-19 nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Educação Física I e II, componentes obrigatórias do curso de Licenciatura em Educação Física, oferecidas pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

O chamado ensino remoto emergencial foi a alternativa possível para manter em algum nível as atividades didáticas na maioria das instituições de ensino brasileiras. Ministras e frequentar aulas inteiramente virtuais marcaram profundamente docentes e discentes. Sem a rotina gerada pela presença assídua às escolas e às universidades, tinha-se a impressão equivocada de paralisação do tempo. O impensável e o improvável limitaram nossos horizontes. O *delivery* e o *home office* “foram imediatamente instalados ou intensificados (pelo menos, para as classes média e alta) como formas de manter as famílias em casa” (Guizzo; Marcello; Müller, 2020, p. 3). Naquele cenário de incertezas e medos, conectar-se pela tela do computador chegava a ser reconfortante. Em alguma medida, a normalidade se instalava, deixando a impressão de que a vida pulsava ao menos por algumas horas, quando planejávamos as aulas, comentávamos tarefas ou dialogávamos com estudantes.

Não apenas as instituições, mas cada pessoa a seu modo, alguns mais rapidamente, outros nem tanto, foi mergulhada (e não convidada a mergulhar) nas chamadas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Um mergulho em águas profundas, frias, pouco acolhedoras a princípio, mas que serviam como única oportunidade de exercermos a docência. Professores analógicos quase naufragaram. Todavia, aos poucos, encontraram caminhos e possibilidades de novos aprendizados.

“Recomendadas pelas normativas legais emanadas do Conselho Nacional de Educação e dos Conselhos Estaduais de Educação, as ferramentas virtuais foram paulatinamente empregadas pelos sistemas de ensino, num esforço para interagir pedagogicamente e, assim, garantir a experiência formativa de milhões de estudantes” (Neira, 2023, p. 282). As aulas passaram a ser ofertadas em moldes até então inusitados. “O ineditismo da cena levou-nos à pior opção, como se comprovou logo nas primeiras semanas: tentamos transpor para a sala virtual o fazer docente ao qual nos habituamos” (Neira, 2023, p. 284).

O Google Meet, aplicativo mais empregado na ocasião, viabilizava os encontros letivos síncronos. No entanto, nem de longe o formato se aproximava da realidade de uma sala de aula,

¹⁰⁴ Tomamos o exercício da docência como um processo de experimentação, objeto de constante análise e reflexão. Por essa razão, durante a descrição, os verbos foram conjugados no presente.

tanto pelas conexões insuficientes de muitos alunos e alunas que nos faziam conversar com bolinhas (câmeras fechadas), mas também e, especialmente, pelo analogismo docente. Ao longo de 2020 e 2021, a opção era a falta de opção. Aprender a operar ferramentas digitais e lidar com outras noções temporais e espaciais tornaram-se uma questão de sobrevivência. Até mesmo os docentes analógicos viram-se obrigados a imergir na virtualidade.

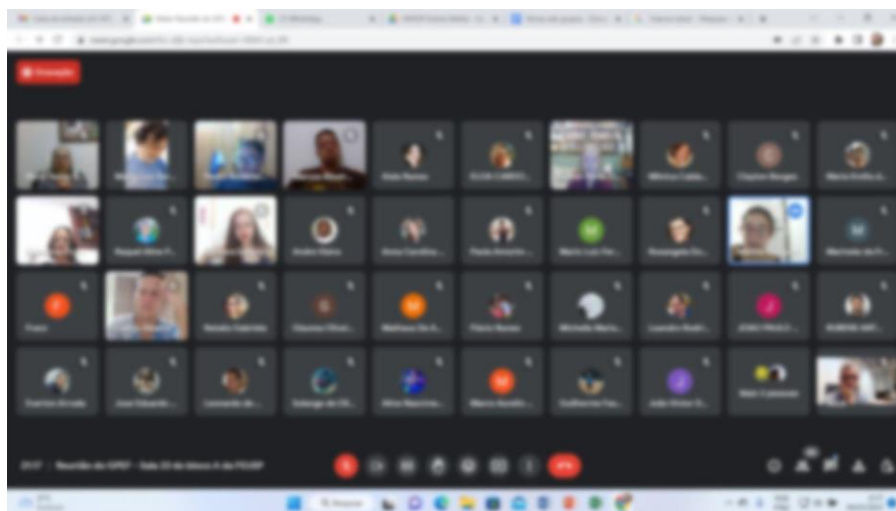


Figura 1 - Sala de aula virtual

2 DA REINVENÇÃO DO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Reinventar o cotidiano a partir das circunstâncias da pandemia foi uma tarefa executada a duras penas. Como não havia tempo para planejar e testar ações previamente, tivemos que inventar formas de atuar à medida que as necessidades surgiam.

Em um primeiro momento, de modo ingênuo e cercado pela inexperiência, transpusemos para o ensino remoto tudo o que fazíamos antes da pandemia. As mesmas aulas expositivas, as mesmas solicitações de atividades e discussões migraram para as telas dos computadores e celulares. Não tardamos a perceber que, apesar do empenho, os resultados eram insatisfatórios. O nos surpreendeu porque as inúmeras reuniões remotas das quais participávamos pareciam funcionar muito bem.

Diferentes motivos podem ser elencados para explicar o fracasso inicial do ensino remoto emergencial. Merecem destaque a desigualdade de acesso e conectividade, bem como as condições disponíveis em cada residência e família para que seus membros participassem das aulas virtuais em meio às tarefas domésticas dos demais. Nem todos os alunos e alunas

dispunham de lugares tranquilos e silenciosos que permitissem o envolvimento sem interrupções. Em alguns casos, eram vários familiares ocupando poucos cômodos, cada qual com suas demandas.

A qualidade da internet ou dos dispositivos para se conectar também variava muito, fazendo com que uma parcela da turma precisasse manter câmeras e microfones fechados, a fim de preservar uma conexão razoável. O celular com um paupérrimo plano de dados era o equipamento de que dispunha a maioria dos estudantes. Logo, as aulas se assemelhavam a monólogos. Palestrávamos em frente à tela do computador com pouca ou nenhuma interação com a turma. As indicações de leituras prévias não podiam sequer ser debatidas, pois as oscilações de conexão aconteciam a todo instante, impedindo o diálogo que tipifica a pedagogia moderna.

Se, por um lado, o ensino remoto emergencial propiciou algum tipo de contato com os estudantes, trazendo certo alívio pela manutenção das atividades didáticas, a frustração e a angústia de as coisas não funcionarem devidamente prosperava nas conversas entre os docentes. Até aquele momento não tínhamos precedentes da situação e, portanto, não podíamos recorrer a pesquisas sobre o assunto. As tentativas e os erros aconteciam no momento da aula. Em meio a esse processo, literalmente “trocamos os pneus com o automóvel em movimento” e passamos a incorporar à nossa docência outras possibilidades como a digitalização de toda a bibliografia, a gravação de videoaulas e das aulas síncronas, e a realização de atividades programadas. A adoção desses artefatos permitiu-nos cumprir o ano letivo de 2021 com um aproveitamento bem superior a 2020.

Em março de 2022, passados 24 meses de restrições pela pandemia, foi possível retomar as atividades presenciais graças ao avanço vacinal e à incorporação, pela comunidade acadêmica, das medidas protetivas adotadas durante a emergência sanitária. Com muitos estudos, debates, orientações recebidas dos profissionais da saúde e aquisição de equipamentos (máscaras, álcool em gel, placas de acrílicos em guichês de atendimento), a volta às salas de aula aconteceu no momento adequado.

Apesar do receio e dos cuidados necessários, os reencontros, que oportunizavam o olho no olho e o burburinho nos corredores da faculdade, nos enchiam de esperança rumo ao novo normal. “Novo normal” era quase uma expressão de ordem, afinal tínhamos a consciência de que os tempos eram outros, e a “normalidade”, que conhecíamos antes do período pandêmico, talvez não voltasse mais. Conforme Guizzo, Marcelo e Müller (2020, p. 15) previam “[...] não apenas somos insistentemente convocados a uma adaptação em nossas práticas mais prosaicas, mas também à sua permanente reinvenção”.

Novas dinâmicas deveriam ser articuladas para o recomeço. Os procedimentos inventados no período pandêmico não poderiam simplesmente ser descartados, uma vez que outras possibilidades de interação docente-discente haviam sido experimentadas e validadas nos anos precedentes.

Não apenas os estudantes, mas também os professores, assumidamente da geração analógica, não viam mais sentido em certas práticas tão comuns no ambiente universitário. Caíram em desuso, definitivamente, os textos fotocopiados, a entrega de planos de ensino e trabalhos impressos, assinaturas à mão na documentação de estágios etc. Esses e tantos outros costumes gradativamente se mostraram supérfluos e antiquados. A leitura de textos escaneados, a comunicação *online* e o emprego de recursos audiovisuais variados, ao que parece, vieram para ficar.

O ensino remoto emergencial deixou de existir na Universidade de São Paulo, mas os aprendizados acumulados instaram o corpo docente a experimentar e avaliar as possibilidades do ensino híbrido. Longe de representar uma exclusividade uspiana, o caráter imprescindível de tal iniciativa foi percebido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). O órgão manifestou-se favoravelmente no parecer que propôs diretrizes curriculares nacionais para regulamentar o formato.

O processo híbrido de ensino e aprendizagem é entendido neste Parecer como abordagem que utiliza a mediação, sobretudo, por TICs, para apoiar fortemente a atividade docente orientadora, capaz de desenvolver competências, transcendendo as atividades apenas em sala de aula, ou seja, o aulismo baseado na memória do estudante e no ensino autodeterminado por projetos pedagógicos conservadores. Ela amplia o espaço de aprendizado e as possibilidades de construção de conhecimentos por meio de práticas e de interações remotas entre discentes e docentes, e dos discentes entre si, tornando-as motivadoras e mais dinâmicas, inspiradoras do processo contínuo de aprendizagem, gerando condições para continuarem aprendendo ao longo da vida (Brasil, 2022, p. 08).

Estávamos, outra vez, diante da necessidade de adequação e ajustes. As disciplinas sob nossa responsabilidade seriam modificadas não apenas porque novas formas de encaminhar o trabalho pedagógico nos cursos de graduação haviam sido inventadas, mas, principalmente, porque as escolas em que os estudantes atuarão futuramente tampouco eram as mesmas, o que exigia ressignificar a docência, sem que isso se confunda com mera submissão a uma nova ordem mundial, como disseram alguns.

3 DO ENSINO HÍBRIDO COMO RESULTADO DE BOAS ESCOLHAS

A Metodologia do Ensino de Educação Física I é uma disciplina do sétimo semestre do curso, com 60 horas de aulas e 90 horas de estágio, totalizando 150 horas distribuídas em 15 semanas letivas. O estágio é realizado numa escola a critério do estudante. A aprovação é requisito para matricular-se em Metodologia do Ensino de Educação Física II, disciplina oferecida no semestre seguinte. Possui a mesma carga horária que a precedente, todavia, a realização do estágio acontece exclusivamente em escolas públicas indicadas pelos professores.

Desde a retomada das atividades didáticas presenciais em março de 2022, buscamos incorporar à nossa docência a experiência acumulada no período de ensino remoto emergencial, aprimorando a organização e o desenvolvimento das duas disciplinas, a começar pela publicação no *site* do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF)¹⁰⁵ dos respectivos programas com os *links* para acesso aos recursos didáticos necessários (videoaulas e textos indicados para leitura). Apesar de a Universidade de São Paulo disponibilizar a todos os docentes a plataforma Moodle USP e-Disciplinas¹⁰⁶, um meio digital bastante eficiente para a comunicação professor-aluno e o arquivamento de materiais, a preferência pela publicação dos programas das disciplinas sob nossa responsabilidade no sítio eletrônico do GPEF deve-se ao seu caráter livre e aberto. Enquanto o e-Disciplinas é uma plataforma restrita aos matriculados na disciplina, naquele, qualquer pessoa conectada à Internet pode, se desejar, assistir às videoaulas e fazer *download* dos textos indicados. Trata-se assim de uma possibilidade de ampliar o acesso e divulgar conhecimentos, aproximando a comunidade em geral e cumprindo, pela via da extensão, uma importante função da universidade.

Os próprios estudantes se beneficiam da política de “ciência aberta”, à medida que utilizam o repositório como fonte de consulta de artigos, teses, dissertações, capítulos e, principalmente, relatos de experiência com o currículo cultural da Educação Física¹⁰⁷, divulgados de modo escrito ou em vídeo, produzidos pelos professores que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, na modalidade regular, profissionalizante ou Educação de Jovens e Adultos. As videoaulas semanais, embora vinculadas aos programas das

¹⁰⁵ <https://www.gpef.fe.usp.br/>

¹⁰⁶ <https://edisciplinas.usp.br/acessar/>

¹⁰⁷ A teoria curricular cultural da Educação Física é o objeto de investigação do GPEF e priorizada na disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física II.

disciplinas Metodologia do Ensino de Educação Física I e II, encontram-se no canal “Educação Física cultural” do YouTube, obviamente acessível ao público. Algumas videoaulas amalharam centenas de visualizações. Trata-se de evidência incontestável do seu alcance para além dos estudantes matriculados nas disciplinas em tela.

<p>Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar 20 ANOS www.gpef.fe.usp.br</p>	<p>Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar 20 ANOS www.gpef.fe.usp.br</p>
<p>EDM0445 – Metodologia do Ensino de Educação Física I – 2024</p> <p>Docente responsável: Marcos Garcia Neira – gpef@usp.br</p> <p>Sala: 106 do Bloco B</p> <p>Horário: 8h30 às 12h</p> <p>Programa</p> <p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender as transformações da função social da escola e da Educação Física • Reconhecer as especificidades das teorias curriculares do componente que vigoraram no século passado (desenvolvimentista, psicomotora, educação para a saúde, crítico-superadora e crítico-emancipatória) • Posicionar-se criticamente com relação aos aspectos do cotidiano escolar que influenciam no ensino da Educação Física <p>Situações didáticas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da bibliografia indicada • Assinência às videoaulas • Realização das atividades programadas • Discussão a partir da realização das atividades • Estágio em unidade de Educação Básica <p>Instrumentos e critérios de avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização satisfatória das atividades programadas • Análise crítica dos aspectos do cotidiano escolar que influenciam no ensino da Educação Física 	<p>EDM0446 – Metodologia do Ensino de Educação Física II – 2024</p> <p>Docente responsável: Marcos Garcia Neira – gpef@usp.br</p> <p>Sala: 137 do Bloco B</p> <p>Horário: 8h30 às 12h</p> <p>Programa</p> <p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a influência das culturas e da escola na produção das identidades corporais. • Conhecer as concepções de ensino da Educação Física e relacioná-las às identidades que pretendem produzir. • Contextualizar a epistemologia do currículo cultural da Educação Física. • Compreender as noções de tematização, problematização e desconstrução adotadas pelo currículo cultural da Educação Física. • Especificar o planejamento no currículo cultural da Educação Física. • Justificar a importância dos princípios ético-políticos do currículo cultural da Educação Física. • Caracterizar as situações didáticas do currículo cultural da Educação Física. • Reconhecer a singularidade dos conteúdos do currículo cultural da Educação Física. • Colocar em ação o currículo cultural da Educação Física na Educação Básica. <p>Situações didáticas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura semanal da bibliografia recomendada (extractases). • Assinência semanal às videoaulas (extractases). • Realização das atividades propostas em sala de aula. • Discussão a partir das atividades realizadas em sala de aula. • Planejar, desenvolver e avaliar experiências pedagógicas na Educação Básica. <p>Instrumentos e critérios de avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração satisfatória das atividades em sala de aula. • Elaboração satisfatória da atividade avaliativa final. • Durante as reuniões de orientação, descrever e analisar as intervenções didáticas realizadas na instituição campo de estágio. • Elaborar e enviar por e-mail, até 17/11, um relato escrito ou em vídeo de experiência com o currículo cultural da Educação Física.

Figura 2 - Programas de Metodologia do Ensino de Educação Física I e II¹⁰⁸

A organização (objetivos, situações didáticas, instrumentos e critérios de avaliação) dos dois programas reflete a concepção de planejamento adotada. Os conteúdos não são estabelecidos *a priori*. A preocupação é promover situações didáticas que contribuam para alcançar os objetivos que, no caso da disciplina de Metodologia do Ensino de Educação Física I, são:

- Compreender as transformações da função social da escola e da Educação Física.
- Reconhecer as especificidades das teorias curriculares do componente que vigoraram no século passado.
- Posicionar-se criticamente com relação aos aspectos do cotidiano escolar que influenciam no ensino da Educação Física.

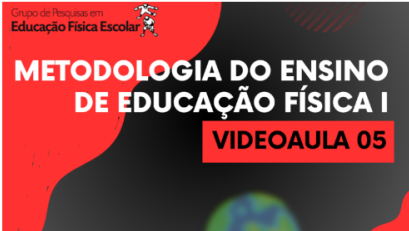
O programa dessa disciplina abrange os seguintes temas: função social da escola, função social da Educação Física, currículo desenvolvimentista, currículo psicomotor, currículo crítico-superador, currículo crítico-emancipatório e currículo da educação para a saúde ou saúde renovada.

¹⁰⁸ Disponíveis em <https://www.gpef.fe.usp.br/graduacao/>

gpef.fe.usp.br/2024/01/20/edm0445-metodologia-do-ensino-de-educacao-fisica-i/

Home - Grupo de P... Fechar janela Nova guia Prefeitura da Cidad... Vetores exclusivos g... Bookmarks Sabesp - Agência Vi... Como desativar o A... Sobrados econômic... Como desativar o A...

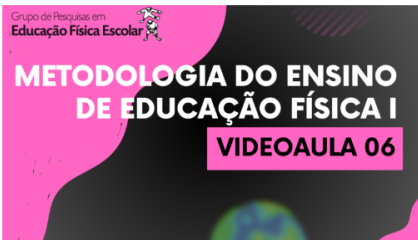
10/04 – Currículo desenvolvimentista



TANI, G. et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Edusp/EPU, 1988. [Clique aqui](#)

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Desenvolvimento motor: um modelo teórico. In: **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005. p. 53-70. [Clique aqui](#)

24/04 – Currículo psicomotor



FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Moderna, 1989. p. 16-46; 78-84; 196-206. [Clique aqui](#)

Figura 3 - Videoaulas e bibliografia de Metodologia do Ensino de Educação Física I¹⁰⁹

Semanalmente, em horários e ambientes ajustados às agendas pessoais, os estudantes leem a bibliografia¹¹⁰ composta de artigos e capítulos sobre a função social da escola e da Educação Física, e das obras de referência de cada teoria curricular mencionada no programa. Também assistem a videoaulas que alternadamente explicam a epistemologia e a didática de cada proposta. No início de todas as aulas, convidamos a turma a analisar, mediante o confronto com o referencial teórico, situações vividas durante os estágios. Afinal, à proporção que a turma compreende as especificidades de cada teoria curricular, apura o seu olhar para o trabalho que observa nas escolas. Na sequência, propomos uma atividade que mobiliza argumentos conceituais apresentados na videoaula ou nos textos sugeridos, seguida de diálogo acerca de percepções, dúvidas e conclusões anunciadas.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2024/01/20/edm0445-metodologia-do-ensino-de-educacao-fisica-i/>

¹¹⁰ Os trabalhos de Pérez Gómez (2007), Bracht (1997, 1999), Neira (2022), Tani *et al.* (1988), Gallahue e Ozmun (2005), Freire (1989), Soares *et al.* (1992), Kunz (1994) e Guedes (1999) constituem a bibliografia básica da disciplina.

Por sua vez, espera-se que o estudante matriculado em Metodologia do Ensino de Educação Física II alcance os seguintes objetivos:

- Compreender a influência das culturas e da escola na produção das identidades corporais.
- Conhecer as concepções de ensino (ou teorias curriculares) da Educação Física e relacioná-las às identidades que pretendem produzir.
- Contextualizar a epistemologia do currículo cultural da Educação Física.
- Compreender as noções de tematização, problematização e desconstrução adotadas pelo currículo cultural da Educação Física.
- Especificar o planejamento no currículo cultural da Educação Física.
- Justificar a importância dos princípios ético-políticos do currículo cultural da Educação Física.
- Caracterizar as situações didáticas do currículo cultural da Educação Física.
- Reconhecer a singularidade dos conteúdos do currículo cultural da Educação Física.
- Colocar em ação o currículo cultural da Educação Física na Educação Básica.

Os temas contemplados pelo programa são: produção cultural do corpo, produção da identidade corporal, concepções de ensino ou teorias curriculares da Educação Física, Educação Física na área das Linguagens, epistemologia do currículo cultural da Educação Física, didática do currículo cultural da Educação Física, tematização no currículo cultural da Educação Física, problematização no currículo cultural da Educação Física, desconstrução no currículo cultural da Educação Física, planejamento no currículo cultural da Educação Física, conteúdos do currículo cultural da Educação Física e princípios ético-políticos do currículo cultural da Educação Física.

Repetindo o *modus operandi* da disciplina oferecida no semestre anterior, o programa de Metodologia do Ensino de Educação Física II prevê, para cada semana, a leitura¹¹¹ de capítulos que teorizam a proposta ou artigos decorrentes de investigações com a perspectiva cultural da Educação Física, a assistência de uma videoaula que complementa a abordagem do tema, a realização de atividade em sala de aula seguida de discussão, além da descrição pelos estudantes das próprias experiências com o currículo cultural da Educação Física durante o

¹¹¹ Os trabalhos de Goellner (2003), Hall (2005), Fontana (2001), Bento (2011), Neira (2022), Neira e Nunes (2022a), Lopes e Macedo (2011), Candau (2008), Neira e Nunes (2022b), Nunes *et al.* (2022), Neira e Nunes (2022c), Müller e Neira (2021), Santos e Neira (2022a), Santos e Neira (2022b), Corazza (1997), Neira (2020), Bonetto e Neira (2019) e Neira (2019) constituem a bibliografia básica da disciplina.

estágio em escolas públicas previamente determinadas. Chamamos a atenção para a simultaneidade do processo: o estudo da epistemologia e didática da Educação Física cultural caminha *pari passu* com as intervenções no campo.

Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino de Educação Física

Metodologia do Ensino de Educação Física II

Videoaula 7 Didática do currículo cultural da EF I

Marcos Neira



Grupo de Pesquisas em
Educação Física Escolar
www.gpef.fe.usp.br



Didática do currículo cultural da Educação Física 1

Educação Física Cultural GPEF-FEUSP
7,95 mil inscritos

Inscrito

22

Compartilhar

Download

Clipe

217 visualizações há 1 mês

Videoaula 07 das disciplinas EDM0348 - Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino de Educação Física e EDM0446 - Metodologia do Ensino de Educação Física II. Oferecidas no 2º semestre de 2024 para os cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Educação Física da Universidade de São Paulo. ...mais

Figura 4 - Videoaula 09 de Metodologia do Ensino de Educação Física II

Nas disciplinas Metodologia do Ensino de Educação Física I e II, os conhecimentos científicos acessados por meio da assistência à videoaula e/ou leitura da bibliografia são requisitados na análise das vivências do estágio e na feitura das atividades. Aulas expositivas acerca dos temas do programa estão descartadas. Todos os esforços se voltam à produção de novos conhecimentos. Novos para os alunos, que podem ser outras formas de ver e explicar as situações-problema apresentadas. Passamos a colocar em prática a máxima de que a aula é a ocasião propícia para pensar, propor, repensar, avaliar e, principalmente, raciocinar conceitualmente, refletir acerca das observações e ações nas escolas durante o estágio ou das provocações desencadeadas pelas atividades propostas. A aula é o momento de ações dialógicas estabelecidas não apenas entre professores e alunos, mas também entre os alunos, a partir das experiências e dos posicionamentos a respeito dos conhecimentos acessados pela leitura da bibliografia indicada e da assistência às videoaulas.

Considerando que o objeto das duas disciplinas é o ensino propriamente dito, a maior parte das atividades propostas em sala de aula se devotam ao planejamento, ao desenvolvimento e à avaliação do trabalho pedagógico. Assim, em Metodologia do Ensino de Educação Física I,

as tarefas instigam análises e posicionamentos acerca da função social da escola, da Educação Física e de diferentes situações concernentes às perspectivas curriculares desenvolvimentista, psicomotora, crítico-superadora, crítico-emancipatória ou da educação para a saúde. Vejamos.

Atividade 01 – Tema: Função social da escola. Explique as situações narradas pelo professor (comparação da quantidade de turmas no Ensino Fundamental na década de 1970 e na atualidade; escolarização de pessoas com deficiência, festa do sorvete e mostra cultural), mediante o confronto com a argumentação disponível no texto de Ángel Pérez Gómez e na videoaula 01¹¹². Depois disso, responda à pergunta: qual pode ser a função social da escola no cenário atual?

Atividade 02 - Tema: Função social da Educação Física. A partir da videoaula 02¹¹³ e do artigo de Valter Bracht sobre o conhecimento e especificidade da Educação Física, explique como o fenômeno conhecido como “crise de identidade” afeta as aulas que você observa na escola em que estagia.

Atividade 03 - Tema: Currículos da Educação Física. Identifique e justifique o currículo de Educação Física representado nos vídeos a seguir. Para tanto, considere a explanação de Marcos Neira em seu artigo sobre as teorias curriculares da Educação Física e a videoaula 03¹¹⁴.

Vídeo 01	Vídeo 02	Vídeo 03	Vídeo 04	Vídeo 05
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Atividade 04 - Tema: Currículo desenvolvimentista. Suponha que é professor numa escola que coloca em ação o currículo desenvolvimentista, instituição que tradicionalmente participa de competições esportivas. Ciente que as turmas do 6.º ano sob sua responsabilidade jogarão handebol num torneio que acontecerá num prazo de dois meses, estabeleça objetivos a serem alcançados com base na videoaula 04¹¹⁵ e na teoria difundida por Go Tani, Edison Manoel, José Elias

¹¹² Disponível em: <https://youtu.be/WKpo8FmfDW0>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹¹³ Disponível em: <https://youtu.be/-kLryOm8geE>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/9ZoYe1WzrZU>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹¹⁵ Disponível em: <https://youtu.be/alLrDY18Eds>. Acesso em: 27 out. 2024.

Proença e Eduardo Kokubun no livro *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*.

Atividade 05 - Tema: Currículo desenvolvimentista. Retome a proposta de trabalho pedagógico elaborada na semana passada para uma turma do 6.º ano e redija dois planos de aula para datas consecutivas. Adote os conceitos e a estrutura apresentada na videoaula 05¹¹⁶.

Atividade 06 - Tema: Currículo psicomotor. A partir da leitura do livro *Educação de corpo inteiro*, de João Batista Freire, e da assistência à videoaula 06¹¹⁷, explique como as aulas de Educação Física podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Atividade 07 - Tema: Currículo psicomotor. A partir do quadro de planejamento do currículo psicomotor¹¹⁸ da bibliografia sugerida e da videoaula 07¹¹⁹, selecione um eixo temático, uma ou duas habilidades cognitivas, uma ou duas habilidades motoras e uma ou duas habilidades afetivo-sociais e elabore um plano de aula. Considerando que, na avaliação diagnóstica, você observou que a turma do 1.º ano do Ensino Fundamental com a qual atua se aglomera nas filas e na quadra, não atende aos combinados, esquece uma parte das orientações recebidas durante as aulas e, até o presente momento (mês de maio), não realizou nenhuma atividade que exige equilíbrio, elabore um plano de aula a partir da teoria curricular psicomotora com vistas a reverter esse quadro.

Atividade 08 - Tema: Currículo crítico-superador. Responda à seguinte questão: como os conceitos explorados no livro *Metodologia do ensino de Educação Física*, de Carmen Lúcia Soares e colaboradores, na videoaula 08¹²⁰ e na aula presencial podem ser apropriados pelo currículo da Educação Física?

¹¹⁶ Disponível em: <https://youtu.be/2WlY2npIJE>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹¹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/fnHSVVokzvQ>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹¹⁸ O material distribuído em sala de aula foi extraído de Mattos e Neira (1998).

¹¹⁹ Disponível em: <https://youtu.be/jbR7wkT8ykM>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/ydgcYH0-mJU>. Acesso em: 27 out. 2024.

Atividade 09 - Tema: Currículo crítico-superador. Individualmente, descreva uma aula sobre o tema dança para uma turma do 7.º. ano do Ensino Fundamental, considerando o estabelecido pela teoria curricular crítico-superadora da Educação Física discutida na obra de referência e na videoaula 09¹²¹.

Atividade 10 - Tema: Currículo crítico-emancipatório. A partir da bibliografia sugerida e da videoaula 10,¹²² relacione os principais fundamentos do currículo crítico-emancipatório da Educação Física.

Atividade 11 - Tema: Currículo crítico-emancipatório. Leia as situações de ensino e o programa do curso extraídas da obra *Transformação didático-pedagógica do esporte*, de Elenor Kunz. Analise os materiais mediante o confronto com a teoria curricular crítico-emancipatória da Educação Física explanada na própria obra e na videoaula 11¹²³.

Atividade 12 - Tema: Currículo da educação para a saúde. Após a leitura do artigo de Dartagnan Pinto Guedes e da assistência à videoaula 12¹²⁴, descreva uma aula de Educação Física para uma turma da 2.ª série do Ensino Médio, inspirada na teoria curricular da educação para a saúde.

Atividade 13 - Tema: Currículo da educação para a saúde. Examine o programa¹²⁵ elaborado pelo professor Amauri Oliveira mediante o confronto com a teoria curricular da educação para a saúde percorrida por Dartagnan Pinto Guedes e pela videoaula 13¹²⁶.

Atividade 14 - Atividade avaliativa final¹²⁷. Analise seus registros de estágio mediante o confronto com a teorização curricular da Educação Física estudada ao

¹²¹ Disponível em: <https://youtu.be/RzvbwxHLTRg> Acesso em: 27 out. 2024.

¹²² Disponível em: <https://youtu.be/OZx7J-c4sWk>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²³ Disponível em: <https://youtu.be/0y195swvjQ0>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/CwmcWbAhE2Q>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²⁵ O material utilizado em sala de aula foi extraído de Oliveira (2004).

¹²⁶ Disponível em: <https://youtu.be/As9mTz-yE3A>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²⁷ Conforme o programa da disciplina disponível no *site*, os instrumentos de avaliação consistem na realização satisfatória de todas as atividades, incluindo a atividade final.

longo do semestre, sinalize as influências percebidas na prática pedagógica observada.

Após a finalização da tarefa, as análises, as proposições, as conclusões, enfim, as “respostas” são anotadas em folhas de fichário e verbalizadas para que a turma possa conhecê-las. Posicionamentos distintos são destacados, a fim de suscitar justificativas e intercambiar pontos de vista. Vez por outra, fazemos intervenções para recuperar argumentos conceituais que ajudem a turma a revisar as soluções compartilhadas. Essa sistematização não se confunde com a apresentação da resposta verdadeira. Trata-se de uma atitude indispensável para evitar conclusões alicerçadas no senso comum. Ao fim da aula, as anotações são recolhidas, comentadas e devolvidas na semana seguinte.

No tocante à disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física II, devido à especificidade do seu objeto – o currículo cultural da Educação Física – as atividades realizadas em sala de aula têm como fio condutor prioritário a análise de “relatos de experiência”, isto é, registros das tematizações de práticas corporais empreendidas por professores que afirmam colocar em ação a proposta. Conforme dissemos anteriormente, esses materiais encontram-se publicados no *website* do GPEF. A importância que o recurso didático adquire na disciplina em questão reivindica alguns esclarecimentos.

Os relatos de experiência documentam, entre outros, as motivações para eleição de um determinado tema, os objetivos, as atividades realizadas, as respostas dos estudantes, os instrumentos avaliativos empregados, os resultados alcançados e as impressões dos docentes acerca da ação educativa. Os relatos de experiência revelam uma parcela importante do conhecimento pedagógico. Tomando contato com esses documentos, é possível compreender boa parte das trajetórias percorridas por seus autores, as concepções que influenciam sua docência, as certezas e as dúvidas que os mobilizam, as ideologias que perpassam suas convicções e também suas inquietações, desejos e realizações. A leitura e a análise desses materiais permitem conhecer uma visão da educação escolar bastante distinta daquela comumente veiculada nos meios de comunicação ou descrita nos relatórios “científicos”. O que salta aos olhos é a artistagem do currículo cultural da Educação Física, narrada justamente por aqueles que planejam, desenvolvem e avaliam o processo (Neira, 2017).

Os relatos de experiência são especialmente relevantes quando adotados como recursos didáticos nas iniciativas de formação de professores. Uma vez que explicitam as concepções dos seus autores, convidam à análise, à tomada de posição e principalmente à discussão (Suárez, 2011). Materializando o testemunho de quem põe as mãos na massa, transformam-se em

produções suscetíveis à investigação e crítica, provocando a revisão do olhar sobre o fazer e o saber docente. O relato possibilita, ainda, minimizar a sensação de isolamento e impotência, permitindo que o conhecimento produzido seja compartilhado e colocado à disposição de outras pessoas, para que possam se beneficiar dele (Neira, 2017).

Aclarados os propósitos e as características dos relatos de experiência com o currículo cultural da Educação Física, passemos à descrição das atividades promovidas durante os encontros presenciais.

Atividade 01 – Tema: A produção cultural do corpo. Considerando os argumentos apresentados nos textos de Silvana Goellner e Stuart Hall, e na videoaula 01¹²⁸, analise as reportagens: Nike é acusada de criar uniformes sexistas para seleção de atletismo¹²⁹; Como o sexismo se reflete no controle do uniforme das atletas¹³⁰ e O crescimento do skate após a Olimpíada, o fenômeno Rayssa e a resistência à marginalização¹³¹.

Atividade 02 - Tema: A produção da identidade corporal. Considerando os argumentos apresentados por Roseli Cação Fontana e Berenice Bento, e na videoaula 02¹³², selecione dois momentos do vídeo Carne¹³³ que possam ter influenciado as personagens na produção da identidade e na produção da diferença.

Atividade 03 - Tema: Teorias curriculares da Educação Física. Com base nos argumentos arrolados no texto de Marcos Neira e na videoaula 03¹³⁴, identifique a teoria curricular e a identidade projetada nas aulas representadas nos vídeos.

Vídeo 01	Vídeo 02	Vídeo 03	Vídeo 04
Vídeo 05	Vídeo 06	Vídeo 07	

¹²⁸ Disponível em: <https://youtu.be/2EffGcHQU34>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹²⁹ Disponível em: <https://encurtador.com.br/gCoiK>. Acesso em: 25 out. 2024.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978154>. Acesso em: 25 out. 2024.

¹³¹ Disponível em: <https://encurtador.com.br/AxqmC>. Acesso em: 25 out. 2024.

¹³² Disponível em: https://youtu.be/v_SDXSAdxs4. Acesso em: 27 out. 2024.

¹³³ Disponível em: <https://encurtador.com.br/TIdrZ>. Acesso em: 25 out. 2024.

¹³⁴ Disponível em: <https://youtu.be/EgOqOZR-sPQ>. Acesso em: 27 out. 2024.

Atividade 04 - Tema: Educação Física na área das Linguagens. Considerando a Educação Física como componente da área das Linguagens, os argumentos apresentados no capítulo de Marcos Neira e Mário Nunes, e a videoaula 04¹³⁵, explique em até 10 linhas como deve ser o tratamento pedagógico das práticas corporais na escola.

Atividade 05 - Tema: Epistemologia do currículo cultural da Educação Física. Leia o relato de experiência “Jogo de taco e o lazer da quebrada”,¹³⁶ elaborado pelo professor Everton Arruda Irias. Identifique ao menos duas passagens que evidenciam a inspiração nos estudos culturais e/ou no pós-estruturalismo. Justifique o seu posicionamento com apoio nos argumentos apresentados no capítulo de Alice Lopes e Elizabeth Macedo e na videoaula 05¹³⁷.

Atividade 06 - Tema: Epistemologia do currículo cultural da Educação Física. Percebe-se na tematização do samba,¹³⁸ relatada pela professora Marina Basques Masella, influências do multiculturalismo crítico ou intercultural e do pós-colonialismo. Justifique essa afirmação com apoio nos argumentos apresentados no capítulo de Vera Candau e na videoaula 06¹³⁹.

Atividade 07 - Tema: Didática do currículo cultural da Educação Física. Identificar, a partir dos argumentos apresentados por Marcos Neira, Mário Nunes, Marina Boscariol e Fidel Silva, e também na videoaula 07¹⁴⁰, uma atividade de mapeamento, uma de vivência, uma de leitura da prática corporal e uma de ressignificação desenvolvidas durante a tematização do jogo de taco narrada pelo professor Everton Arruda Irias.

Atividade 08 - Tema: Didática do currículo cultural da Educação Física. Leia os 20 excertos dos relatos de experiência transcritos na folha entregue em sala de aula e, mediante os argumentos apresentados no capítulo de Marcos Neira e Mário Nunes,

¹³⁵ Disponível em: <https://youtu.be/cm8Ai7n282o>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹³⁶ Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/irias_03.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

¹³⁷ Disponível em: <https://youtu.be/H8w3DIgMDxE>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹³⁸ Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/masella_01.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

¹³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/QocItvxv0js>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://youtu.be/uwdVeKP2Cjk>. Acesso em: 27 out. 2024.

e também na videoaula 08¹⁴¹, identifique as situações didáticas descritas de aprofundamento ou ampliação. Descreva em poucas palavras o critério que você usou para distinguir as situações didáticas de aprofundamento e ampliação.

Atividade 09 - Tema: Didática do currículo cultural da Educação Física. Leia o relato de experiência da tematização do *funk* e da ciranda¹⁴² elaborado por Ana Cláudia Torres, Felipe Quaresma e Flávio Nunes. A partir dos argumentos apresentados no capítulo de Arthur Müller e Marcos Neira, e também da videoaula 09¹⁴³, identifique ao menos uma passagem que ilustra a concepção de avaliação adotada pelo currículo cultural da Educação Física.

Atividade 10 - Tema: Tematização, problematização e desconstrução no currículo cultural da Educação Física. Após assistir à videoaula 10¹⁴⁴ e ler os capítulos de Ivan Santos e Marcos Neira, identifique no relato “Pop, k-pop e dança tradicional do leque: quando apenas o reconhecimento da cultura corporal não basta”,¹⁴⁵ de Pedro Bonetto, uma passagem que ilustra a perspectiva rizomática e outra que ilustra a desconstrução.

Atividade 11 - Tema: Planejamento no currículo cultural da Educação Física. Leia o relato de experiência “A Pablio Vittar não é de Deus: desconstruindo questões de identidade de gênero na dança pop”,¹⁴⁶ de Luiz Alberto dos Santos. A partir dos argumentos apresentados no capítulo de Sandra Corazza e na videoaula 11¹⁴⁷, converta o registro do professor em um plano de ensino.

Atividade 12 - Tema: Conteúdos do currículo cultural da Educação Física. Assista ao relato de experiência “Jongo: uma roda pela igualdade”,¹⁴⁸ de Carolina

¹⁴¹ Disponível em: <https://youtu.be/XsIgwffLuWE>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁴² Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/torres_quaresma_santos_junior_02.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

¹⁴³ Disponível em: <https://youtu.be/BJHF9n5fPC8>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://youtu.be/0sUKsXf1Gh4>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁴⁵ Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/teses/bonetto_11.pdf. Acesso em 26 out. 2024.

¹⁴⁶ Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/teses/luiz_alberto_02.pdf. Acesso em 26 out. 2024.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://youtu.be/woX05Cp7Woc>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://youtu.be/r6A6jSEW5bg>. Acesso em: 26 out. 2024.

Hamburger. A partir dos argumentos apresentados no artigo de Marcos Neira e na videoaula 12¹⁴⁹, relacione os conhecimentos (conteúdos) colocados em circulação.

Atividade 13 - Tema: Princípios ético-didáticos do currículo cultural da Educação Física. Leia o relato de experiência “O RPG no ensino remoto”,¹⁵⁰ de João Pedro Goes Lopes. A partir dos argumentos apresentados no artigo de Pedro Bonetto e na videoaula 13¹⁵¹, identifique os princípios ético-políticos que agenciaram o professor. Justifique o seu posicionamento.

Atividade 14 - Tema: Princípios ético-didáticos do currículo cultural da Educação Física. Assista à apresentação da experiência “O maracatu nas aulas de Educação Física: Exu, macumba e outras significações, o sangue de Jesus tem poder”,¹⁵² de Marcos Ribeiro das Neves. A partir dos argumentos apresentados no capítulo de Marcos Neira e na videoaula 14¹⁵³, identifique os princípios ético-políticos que agenciaram o professor. Justifique o seu posicionamento.

Atividades avaliativas finais. Elabore um relato de experiência escrito ou em vídeo a partir do estágio realizado juntamente com um professor ou professora que coloca em ação o currículo cultural da Educação Física. Leia e analise um dos relatos de experiência indicados mediante o confronto com o referencial epistemológico e metodológico do currículo cultural da Educação Física.

Os critérios de avaliação estão disponíveis no *site* da disciplina: reconhece o(s) campo(s) teórico(s) que possa(m) ter inspirado o(a) professor(a) autor(a) do relato e mobiliza argumentos conceituais para justificar seu posicionamento; identifica os princípios ético-políticos que agenciaram o(a) professor(a) na definição do tema e no planejamento das situações didáticas, e mobiliza argumentos conceituais para justificar seu posicionamento; sinaliza as situações didáticas desenvolvidas pelo(a) professor(a) ao longo da tematização e mobiliza argumentos conceituais para justificar seu posicionamento e indica os conhecimentos (conteúdos) acessados

¹⁴⁹ Disponível em: <https://youtu.be/Z9wqszfLCP0>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁵⁰ Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/lopes_01.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

¹⁵¹ Disponível em: <https://youtu.be/zXMtrIETH9E>. Acesso em: 27 out. 2024.

¹⁵² Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_ribeiro_11.pdf. Acesso em 26 out. 2024.

¹⁵³ Disponível em: <https://youtu.be/5fyvByZA0z4>. Acesso em: 27 out. 2024.

pelo(a)s estudantes ao longo da tematização e mobiliza argumentos conceituais para justificar seu posicionamento.

Assim como acontece em Metodologia do Ensino de Educação Física I, na disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física II, as respostas às atividades, incluindo as finais, também são registradas por escrito em folhas de fichário, lidas, comentadas e devolvidas na semana seguinte. O intuito é acompanhar eventuais modificações na compreensão da proposta e reunir informações para planejar a continuidade do curso, efetuando os ajustes necessários. O fato de o programa estar disponível na internet e a gravação das videoaulas ocorrer com pouca antecedência facilita o replanejamento e os devidos ajustes nas aulas vindouras.

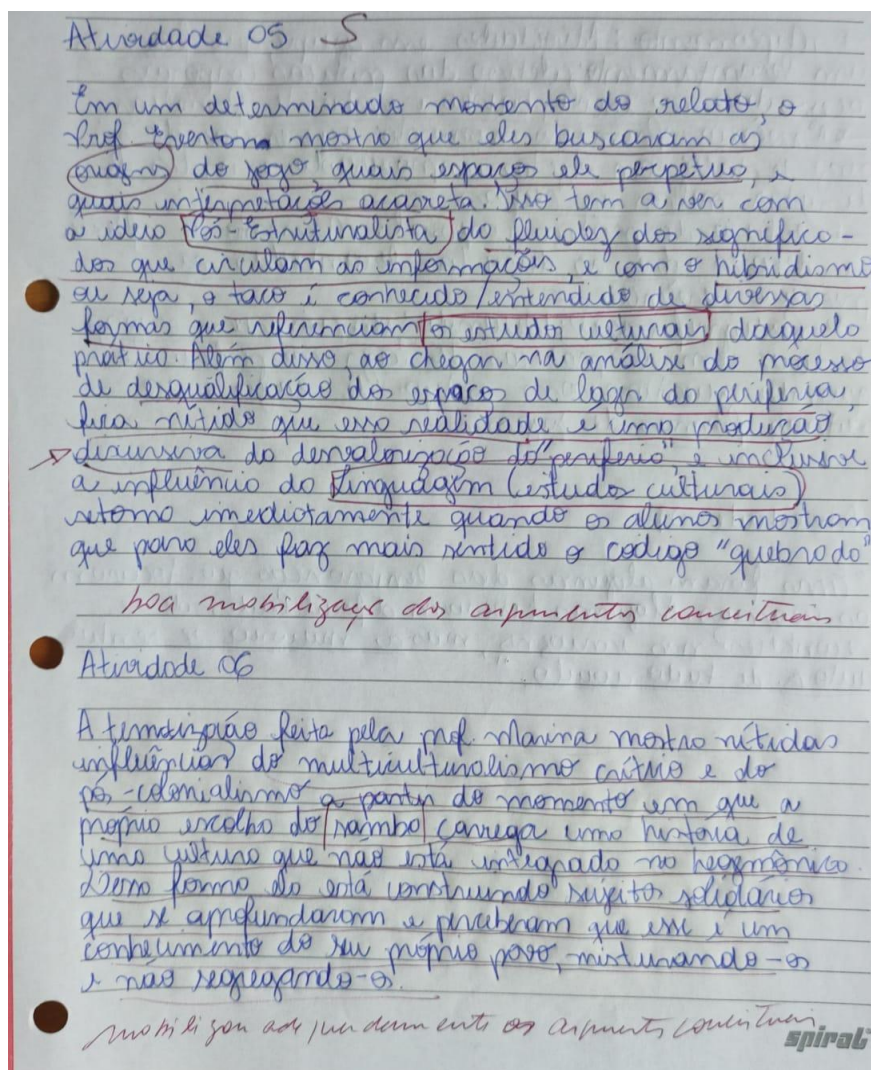


Figura 5 - Respostas das atividades e devolutivas

4 DAS INSEGURANÇAS INICIAIS À ESPERANÇA DE UM CAMINHO PROMISSOR

O relato da nossa experiência com o ensino híbrido, cujas proposições metodológicas vêm sendo aprimoradas e reorganizadas constantemente, pode causar a errônea impressão de que a jornada seja linear, harmônica, tranquila e confortável. Não é. O ensino híbrido impacta duplamente a formação, tanto dos docentes ministrantes das disciplinas de Metodologia do Ensino de Educação Física I e II, quanto dos futuros professores. A experiência mostra que o formato híbrido oferece flexibilidade e personalização no percurso formativo, ao aproximar os futuros educadores de um modo de ensinar que emprega recursos que fazem parte do seu cotidiano. Afinal, os estudantes são nativos digitais.

Muito se diz a respeito da adoção de metodologias ativas no ensino superior. À vista disso, cumpre destacar o papel relevante das atividades propostas durante os encontros letivos. Na sua quase totalidade, desafiam os estudantes a mobilizar argumentos conceituais disponibilizados em meios digitais e midiáticos, facultando a interação com conhecimentos científico-pedagógicos produzidos na academia e na escola. Paralelamente à apropriação do referencial teórico, os estudantes interagem com o ensino da Educação Física nos momentos de estágio ou nos registros elaborados pelos professores em atuação. É uma oportunidade de reconhecer os saberes consolidados da área (os currículos desenvolvimentista, psicomotor, crítico-superador, crítico-emancipatório e da educação para a saúde), e as tentativas de escapar do convencional para articular o currículo cultural da Educação Física, até então desconhecido para a maioria da turma.

Muitas dúvidas dos estudantes suscitadas pela leitura da bibliografia ou assistência às videoaulas são respondidas pelos colegas ou pelos professores com os quais estagiam. Para além da leitura dos relatos de experiência, o acompanhamento do currículo cultural da Educação Física em ação dá a perceber a variedade de práticas corporais tematizadas (sem qualquer hegemonia para uma ou outra) e a diversidade do formato das situações didáticas. A constatação abala a representação de ensino de Educação Física que muitos têm. Alguns expressam seu desconforto, ao lidarem com tematizações de práticas corporais distantes das brincadeiras e dos esportes euro-estadunidenses. As críticas pronunciadas vão desde o “sentido” daquilo para as crianças, jovens e adultos, até a contribuição das manifestações incomuns para a formação das pessoas. Mesmo os trabalhos que incidem sobre práticas corporais costumeiramente abordadas nas aulas de Educação Física, geram incômodos devido às visitas pedagógicas, à assistência a

vídeos, à promoção de debates, pesquisas e entrevistas com praticantes, tidas como estranhas às aulas do componente.

Esses e outros aspectos são problematizados. Por que pensam dessa maneira? O que os leva a conceber determinados temas como legítimos e um certo modo de ensinar como adequado? Em meio às discussões, reforçamos a importância de se pensar uma Educação Física sintonizada com os tempos em que vivemos, dado o compromisso de buscarmos a formação de sujeitos solidários. Não faz sentido insistir nos pressupostos excludentes e elitistas que influenciaram o ensino do componente em tempos passados.

Semanalmente, constatamos que as atividades com os relatos escritos e em vídeo potencializam o debate e a análise não só das experiências acessadas, mas também daquelas que perpassam as vidas dos futuros docentes, estimulando-os a se tornarem narradores. O efeito é cíclico. O contato com esses registros estimula a produção das próprias narrativas no melhor estilo “se ele faz, eu também posso”. Como orientadores do estágio, insistimos que as dúvidas e principalmente os empecilhos à realização do que planejam devem compor o registro escrito a ser entregue ao término do curso, pois, afinal, também constituem a docência. Explicamos que a reflexão sobre elas trará muitas contribuições à formação. Embora um tanto descrentes no início, com o passar das semanas, os estudantes percebem que os desafios do cotidiano são absolutamente comuns, apesar de ocuparem um tempo maior das análises coletivas. Conflitos entre os alunos, expressões preconceituosas ou descaso diante das propostas que apresentam são frequentes e devem ser interpretados com base nos pressupostos da escola democrática que recebe indistintamente todas as pessoas. Convidados a pensar sobre isso, as questões problemáticas perdem gradativamente o realce inicial e passam a dividir espaço com descrições e análises mais positivas, em que situações difíceis, exitosas ou mesmo cômicas são expostas publicamente e debatidas em sala de aula.

Os estudantes da licenciatura em Educação Física, estimulados à leitura, à análise e à interpretação das experiências de ensino alheias, e a registro e reflexão sobre as próprias, acessam e recriam saberes que fogem ao habitual, o que contribui significativamente para a compreensão da perspectiva cultural da Educação Física. Ademais, a produção de relatos das suas vivências nos estágios situa-os como protagonistas do currículo e da produção de conhecimentos sobre ele, sendo instigados a repensarem o processo vivido e a empreenderem a necessária autocrítica. A leitura e a escrita de experiências do “chão da quadra” configuram-se, ao mesmo tempo, num projeto de formação e numa iniciativa pedagógica para a assunção da condição autoral num campo teórico-metodológico até então inexplorado.

Finalmente, quando as atividades em sala de aula favorecem o entrelaçamento dos conceitos que subsidiam a teoria curricular cultural da Educação Física e seus aspectos didático-metodológicos, vislumbramos uma alternativa frutífera para a formação inicial de professores. O trabalho com as narrativas docentes diminui a distância entre a universidade e a escola, ao aproximar os estudantes do ensino que efetivamente acontece. Ao lerem os relatos, percebem professores estudiosos, comprometidos com a construção de uma sociedade menos desigual e atentos às realidades em que atuam. Esses profissionais não se furtam a oferecer-nos o que têm de melhor: o seu fazer pedagógico. Em sua generosidade, abrem os portões das escolas aos estudantes da licenciatura e os deixam entrar, ler suas histórias, sentir suas frustrações e alegrias, acompanhar os momentos bons e os mais difíceis, aprendendo sempre. Em meio ao trabalho com os relatos, percebemos que nossa docência se enriquece, o que fez surgir a vontade de documentá-la neste texto para que outros formadores de professores possam desfrutar das mesmas sensações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**. v. 19 n. 02, ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 27 out. 2024.

BONETTO, P. X. R.; NEIRA, M. G. A escrita-currículo da perspectiva cultural da Educação Física: por que os professores fazem o que fazem? **Educação**. Santa Maria. v. 44, p. 01-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644433532>. Acesso em: 16 out. 2024.

BRACHT, V. Educação Física: conhecimento e especificidade. *In*: SOUSA, E. S.; VAGO, T. M. (orgs.) **Trilhas e partilhas**. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, p.69-88, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer no 14 de 05 de julho de 2022. **Diretrizes Nacionais Gerais para o desenvolvimento do processo híbrido de ensino e aprendizagem na Educação Superior**. Brasília: MEC, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/30000-uncategorised/91051-educacao-hibrida>. Acesso em: 27 out. 2024.

- CANDAU, V. M. Multiculturalismo: desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.
- CORAZZA, S. M. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. *In*: MOREIRA, A. F. B. (org.) **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997.
- FONTANA, R. A. C. O corpo aprendiz. *In*: RUBIO, K.; CARVALHO, Y. M. (orgs.). **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 41-52.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Desenvolvimento motor: um modelo teórico. *In*: GALLAHUE, D.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005. p. 53-70.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 10-14, jun. 1999. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6619>. Acesso em: 27 out. 2024.
- GUIZZO, B. S.; MARCELO, F.A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e238077, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077>. Acesso em: 27 out. 2024.
- HALL, S. A identidade em questão. *In*: HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 07-22.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1994. p. 11-45.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. Cultura. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 184-215.
- MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física infantil: construindo o movimento na escola**. São Paulo: Plêiade, 1998.
- MÜLLER, A.; NEIRA, M. G. Avaliação e registro no currículo cultural da Educação Física. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/ea.v29i72.5030>. Acesso em: 16 out. 2024.
- NEIRA, M. G. Análise e produção de relatos de experiência da Educação Física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**, São Paulo, v. 53, p. 52-103, nov. 2017.

NEIRA, M. G. Definição do tema e planejamento das situações didáticas. *In*: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. p. 43-57.

NEIRA, M. G. Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n.2, p. 827-846 abr./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i2p827-846>. Acesso em: 16 out. 2024.

NEIRA, M. G. Abordagens ou currículos da Educação Física? **Connectionline**, Vargem Grande, n. 28. p. 39-51, nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/2063/2242>. Acesso em: 27 out. 2024.

NEIRA, M. G. Ressignificações da docência universitária em tempos de pandemia. *In*: BOTO, C. (org.). **Cultura digital e educação**. São Paulo: Contexto, 2023. p. 281-297.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação. *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022a. p. 14-38. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 16 out. 2024.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Ampliação e aprofundamento no currículo cultural da Educação Física. *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (orgs.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022b. p. 147-176. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 16 out. 2024.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. O mapeamento no currículo cultural da Educação Física. *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022c. p. 98-123.

NUNES, M. L. F.; SILVA, F. M. C.; BOSCARIOL, M. C.; NEIRA, M. G. Vivência e experiência no currículo cultural da Educação Física. *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (orgs.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022. p. 124-146. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 16 out. 2024.

OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a Educação Física escolar. *In*: VIEIRA, J. L. L. (org.) **Educação Física e Esportes**. Estudos e proposições. Maringá: Eduem, 2004. p. 25-55.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. *In*: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-26.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, I. L.; NEIRA, M. G. A tematização no currículo cultural da Educação Física. *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (orgs.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022a. p. 64-82. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 16 out. 2024.

SANTOS, I. L.; NEIRA, M. G. A problematização no currículo cultural da Educação Física. *In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (orgs.) Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física*. São Paulo: FEUSP, 2022b. p. 83-97. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 16 out. 2024.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SUÁREZ, D. H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 387-416, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100018>. Acesso em: 27 out. 2024.

TANI, G. *et al.* **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/Edusp, 1988.